



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**SUÊNIA MARIA BATISTA DE FRANÇA**

**A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL AFRO-BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA.**

**CAMPINA GRANDE  
2016**

**SUÊNIA MARIA BATISTA DE FRANÇA**

**A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL AFRO-BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dra. Margareth Maria de Melo.

**CAMPINA GRANDE  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F814q França, Suênia Maria Batista de  
A questão étnico-racial afro-brasileira no livro didático de história [manuscrito] / Suênia Maria Batista de França. - 2016.  
33 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Margareth Maria de Melo,  
Departamento de Educação".

1.Livro Didático 2. Etnia Racial - Afro-brasileiro 3. Ensino  
Fundamental I. Título.

21. ed. CDD 371.32

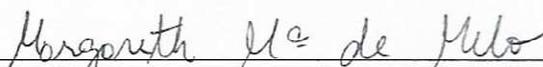
SUÊNIA MARIA BATISTA DE FRANÇA

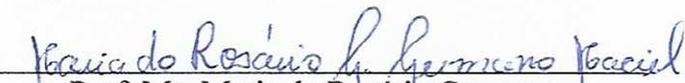
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL AFRO-BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE  
HISTÓRIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado na  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduação em pedagogia.

Aprovada em: 26/09/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. D<sup>ra</sup>. Margareth Maria de Melo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Maria do Rosário Germano  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
\*Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a minha família, que me apoiou nesta caminhada, me dando força e compreendendo as minhas ausências.

A vocês todo o meu agradecimento.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por me fazer forte quando me senti frágil, por segurar em minhas mãos e em muitos momentos difíceis me carregar em seu colo. Sou grata a Ele por colocar em minha vida anjos, a quem eu chamo de família, para me orientar e seguir junto comigo, sempre me apoiando, dando força e muitas vezes fazendo renúncias em prol de mais uma meta, de mais um sonho a ser realizado.

Em especial, dentre tantos anjos, agradeço aos meus pais, *Rejane Batista de França e José de Anchieta de França* que foram escolhidos pelo Senhor para me gerarem, por toda dedicação e carinho, pelos aconselhamentos e cuidado para comigo. Agradeço ainda por todo zelo dedicado aos meus filhos nos momentos em que precisei me ausentar.

Ao meu amigo e esposo, *Anderson Alves Barbosa*, por fazer parte da minha vida, estando sempre ao meu lado, acreditando em mim, me acompanhando nesta jornada, dia após dia sem me deixar desistir.

A *João Victor e Maria Isabelle*, meus filhos amados, agradeço por cada sorriso, por cada abraço, pois isso me deu forças para continuar.

Aos mestres que com dedicação compartilharam saberes, meu eterno agradecimento, pois sem vocês não conseguiria chegar até aqui. E em especial agradeço a professora *Margareth Maria de Melo* que me guiou orientando o caminho a ser seguido para a conclusão deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, durante esses cinco anos, estiveram presentes de forma direta ou indiretamente, saibam que vocês também fazem parte dessa vitória.

Obrigada por acreditarem em mim!

O sucesso é nosso!

“Quando não souber para onde ir, olhe para  
traz e saiba pelo menos de onde você vem.”

Provérbio Africano

## RESUMO

Entendendo que o Livro Didático deve ser visto como um mediador no processo de ensino e aprendizagem, e que o professor precisa conhecê-lo a fim de buscar subsídios que possam ampliar os conhecimentos dos alunos, levando-os a refletir sobre temáticas importantes que precisam de um olhar diferenciado. O presente artigo intitulado “As Questões Étnico-Raciais Afro-Brasileira no Livro Didático de História”, tem por objetivo problematizar, como a vinda e a permanência dos negros africanos no Brasil é apresentada nos Livros Didáticos de História do 4º ano do Ensino Fundamental I, para tanto, analisou-se três livros levando em consideração seus conteúdos, textos, imagens e atividades. Como metodologia de estudo realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental com caráter qualitativo e descritivo, e para que o material observado fosse analisado, buscou-se subsídio teórico em autores como Aladrén (2010), Albuquerque e Fraga Filho (2006), Bittencourt (2004) e Bauer (2013), dentre outros e em documentos que regem a Educação Básica em nosso país como os Parâmetros Curriculares Nacionais que apresentam os Temas Transversais (1997), as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), dentre outros. No decorrer do estudo vê-se a necessidade de o professor ir além do Livro Didático, buscando outras fontes de pesquisa, a fim de que o processo de ensino e aprendizagem se torne mais significativo para o aluno, pois se observa que os conteúdos abordados não contemplam aspectos importantes sobre o tráfico de negros africanos, o trabalho escravo, as lutas e resistências e a abolição e pós-abolição da escravidão, ocorrido ao longo de três séculos. Observa-se ainda que os Livros Didáticos analisados não abordam o continente africano de maneira que a cultura africana e afro-brasileira seja valorizada. Desse modo conclui-se que, para que o aluno tenha uma visão crítica e reflexiva sobre o assunto, o mesmo deve ser abordado com mais propriedade, ao ponto de formar cidadãos críticos e conscientes.

**Palavras-Chave:** Questão Afro-Brasileira; Livro Didático; História.

## ABSTRACT

Understanding the teaching book must be seen as a mediator in the teaching and learning process. The teacher needs know it to search subsidies may amplify student's knowlege. This has to lead them to reflect on important themes which need to be observed differently. This article called "The Brazilian and African and racial and ethnic in the teaching book of History". Its objective is to give a problem as the coming and the permanence of the native from Africa in the Brazil is shown in the teaching book of History at the elementary school. For this three books were analysed considering their contents, texts, images and activities. As study methodology a bibliographical and documental research was accomplished with a descriptive and qualitative character. A theoretical subsidy was searched to analyse the studying material in authors such as Aladrén (2010), Albuquerque and Fraga Filho (2006), Bittencourt (2004) and Bauer (2013) among others and in documents that rulenthe Elementary School in our country. These documents are the National Curriculum Parameters which show the Transversal Themes (1997), the National Curriculum Directives for Education of the Racial and Ethnic and for the Teaching of History and African and Brazilian and African Culture (2004) among others. During the study we can perceive the teacher needs to use na additional material to the teaching book to make the process of teaching and learning more significant for the students. We can observe that the studying contents do not consider important aspects on the traffic of native from Africa, the penal servitude, struggles and resistances and the slavery abolition and after abolition occurred three centuries ago. We can also observe the teaching books studied do not show the African continent giving value the African and Brazilian and African culture. However we can conclude for the students have a critical and reflexive view on the theme, it must be show more properly to form critical and conscious citizenships.

Keywords: Brazilian and African Matter; Teaching Book; History.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	O LIVRO DIDÁTICO COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM.....	13
2.1	Conhecendo os Livros Didáticos analisados.....	15
2.2	Um pouco de história... ..	20
3	<i>QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL AFRO-BRASILEIRA NOS LIVROS DIDÁTICOS</i> .....	22
4	CONCLUSÃO .....	29
	REFERÊNCIAS .....	30

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é resultado de uma proposta de atividade do Componente Curricular “*Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas*”, ministrada no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Esta temática fez parte da trajetória acadêmica da discente, visto que no decorrer do curso teve oportunidade de vivenciar momentos de discussão, reflexão e pesquisa em outros componentes curriculares que abordavam o mesmo tema.

A escolha do tema para a escrita deste trabalho se deu a partir da tentativa de compreender como a história do povo negro está sendo apresentada nos Livros Didáticos, entendendo que é fundamental que os professores conheçam por completo o material que será trabalhado no decorrer do ano letivo, para que desse modo, possam criar estratégias que auxiliem no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Assim, é de grande importância para o profissional da educação que essa temática seja estudada, pois ampliando seus conhecimentos acerca do assunto, poderá abordá-lo com mais propriedade em suas aulas, desse modo, a escola também deve tê-lo como pauta em suas reuniões de planejamento sabendo que há leis que regulamentam o ensino das questões étnico-raciais Afro-brasileira. Desse modo, entende-se que a escola como um todo precisa conhecer, analisar e construir uma metodologia de trabalho que dê suporte na compreensão do assunto.

Com o objetivo de problematizar como a história da vinda e permanência do negro africano no Brasil é apresentada nos Livros Didáticos do 4º ano do Ensino Fundamental I, determinamos objetivos específicos que nortearam a pesquisa: entender o Livro Didático como mediador no processo de ensino e aprendizagem; conhecer a estrutura dos livros, a fim de entender sua organização; relembrar um pouco da história do negro no período da escravidão no Brasil; verificar como as questões étnico-raciais Afro-brasileiras estão sendo abordadas nos conteúdos, nas imagens e nas atividades dos livros.

Como metodologia de estudo para a elaboração deste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental com caráter qualitativo e descritivo, empreendendo-se a análise de conteúdo que, segundo Bauer (2013, p.12), “A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas”, desse modo, entende-se que a pesquisa qualitativa de conteúdo tem foco na observação e análise dos dados assim como afirma Teodósio Silva (2014, p. 14),

(...) A pesquisa qualitativa de análise de conteúdo visa a observação, de forma criteriosa, desde a coleta de dados à interpretação dos mesmos, levando em consideração toda trajetória social, o que faz esse tipo de abordagem científica transcender um mero procedimento de técnicas.

Ou seja, entende-se, mediante essa ideia que nesse processo, o pesquisador deve estar atendo aos detalhes, analisando-os de forma criteriosa.

Para a realização dessa pesquisa foram escolhidos, de maneira aleatória, três livros do 4º ano do ensino fundamental I. Como critério para essa seleção, observou-se que os livros didáticos do 3º ano não abordavam a temática com propriedade, visto que, nesta fase a ênfase maior é na alfabetização e nos cálculos matemáticos. Para tanto, os livros escolhidos foram, “Projeto Buriti”, “Projeto Coopera” e “Eu Gosto”.

O trabalho foi estruturado de modo que na primeira parte podemos refletir a cerca do Livro Didático ser um mediador no processo de ensino e aprendizagem, em seguida, veremos como os livros são organizados, na terceira parte, trazemos um pouco de história, com uma explanação de como ocorreu a vinda e a permanência dos negros africanos no Brasil, por fim, buscamos compreender como as questões étnico-raciais Afro-brasileiras são apresentadas nos textos, nas imagens e nas atividades.

## 2. O LIVRO DIDÁTICO COMO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM

O Livro Didático (LD), que faz parte da cultura de nossa sociedade, é visto como um dos instrumentos que podem auxiliar o professor a mediar o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Siganski, Frison e Boff (2008), afirmam que mesmo o LD sendo “(...) bastante familiar é difícil defini-lo quanto à função que o mesmo exerce ou deveria exercer em sala de aula”, ou seja, é um material que pode ser utilizado de diversas maneiras, dependendo do contexto no qual estará situado.

Assim, levando em consideração que, ainda na atualidade muitos educadores fazem uso desse material como única fonte de pesquisa, mesmo em uma época onde as informações estão sendo geradas cada vez mais rápido e de forma abrangente através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), observa-se que de fato, o Livro Didático ainda ocupa um papel central na construção do conhecimento, no entanto, é sabido que os conteúdos, assim como seus desdobramentos, tal qual estão expostos, não são suficientes para que essa aprendizagem aconteça de maneira interativa, clara e crítica, principalmente quando abordamos temáticas cercadas de preconceitos, como é o caso das questões étnico-raciais e do ensino da história e da cultura Afro-brasileira e Africana.

A prática pedagógica presente em sala de aula é influenciada pela ideologia difundida no Livro Didático, que devido à ausência de outras fontes de pesquisa por parte dos alunos, assume um papel de veículo da verdade, desse modo, observa-se que os alunos acabam perdendo a oportunidade de aprender a refletir e confrontar as informações obtidas. Nesse sentido, é necessário que o professor busque novas fontes de conhecimento e proponha desafios, sempre de acordo com a realidade da turma, para que desse modo sua prática seja diferenciada, podendo promover trabalhos que auxiliem a criança a desenvolver a maturidade necessária para a compreensão de certas questões. Desse modo, o Guia do Livro Didático (2008, p. 14) orienta os professores afirmando que,

O que dá a um livro o caráter e a qualidade didático-pedagógicos é, mais que a forma própria de organização interna, o tipo de uso que se faz dele; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Logo, convém não esquecer: um livro, entendido como objeto, é apenas um livro. O que pode transformá-lo numa atraente 'biblioteca verde' é o uso adequado à situação particular de cada escola.

Ou seja, assim como foi visto, o livro pode exercer diversas funções, o resultado vai depender de como será explorado e em que contexto estará situado, desse modo, parafraseando Choppin (2004, p. 553), entende-se que o LD não é e não pode ser o único instrumento a ser utilizado em sala de aula, mas “um elemento constitutivo de um conjunto multimídia”, não podendo o livro ser independente, mas parte de um conjunto de recursos que podem e devem ser utilizados de modo que um complemente o outro.

No Brasil, as escolas públicas recebem os Livros Didáticos do Estado através do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) que tem como foco,

O ensino fundamental público, incluindo as classes de alfabetização infantil, e assegura a gratuidade dos livros. De acordo com o programa cada aluno tem direito a um exemplar das disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia, que serão estudadas durante o ano letivo. Aos estudantes do primeiro ano é destinada também uma cartilha de alfabetização (FREITAS e RODRIGUES, 2007, p. 04).

O PNLD é resultado de um longo caminho até que o LD fosse regulamentado e chegasse à escola. Esse programa, segundo Freitas e Rodrigues (2007) proporcionou mudanças significativas no modelo de livro que já existia, entre elas os autores citam, a garantia do poder de escolha dada aos professores, que são orientados a fazê-lo de maneira coerente; a reutilização dos livros por alunos dos anos seguintes, proporcionando melhor qualidade aos mesmos; a extensão da oferta aos alunos que acontece gratuitamente, onde os LD são adquiridos com recursos públicos.

Sabendo que, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana,

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10639/2003, que alterou a lei 9394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana (BRASIL, 2004, p. 499).

Sentimos a necessidade de conhecer e refletir sobre como os livros de história do 4º ano do ensino fundamental I, abordam a questão étnico-racial Afro-brasileira. Nesta perspectiva, escolhemos, especificamente, livros do 4º ano por entender que nos três primeiros anos do ensino fundamental I, o foco do processo de ensino e aprendizagem é na alfabetização e na realização de cálculos matemáticos e que, a partir do 4º ano, essa temática deve ser tratada com mais ênfase pelos LD. Desse modo, analisamos três exemplares de livros

discutindo sobre como os conteúdos, os textos, as imagens e as atividades são postos às crianças.

Os livros escolhidos para análise foram: “*Projeto Buriti*”, organizado por Rosane Cristina Thahira, Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo. O segundo é do “*Projeto Coopera*” organizado pelos autores Elian Alabi Lucci e Anselmo Lazaro Branco, ambos licenciados em geografia, e o terceiro livro faz parte da coleção “*Eu Gosto*”, organizado pelas pedagogas Célia Passos e Zeneide Silva. A escolha dos livros aconteceu de maneira aleatória.

## ***2.1 Conhecendo os Livros Didáticos analisados***

A fim de conhecer melhor a estrutura dos Livros Didáticos, observamos alguns aspectos referentes à capa, aos autores, a iconografia, aos dados bibliográficos, a linguagem abordada, sumário, sequência didática e referência bibliográfica. Sobre a análise destes aspectos o pesquisador Choppin afirma que,

A organização interna dos livros e a sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segundo uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do Livro Didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações (CHOPPIN, 2004, p. 559).

Assim, entende-se que o professor deve conhecer o material que utilizará em suas aulas durante o ano letivo, analisando-o de maneira detalhada, afim de que entenda sua organização, não apenas dando ênfase aos textos e atividades que o compõem, mas também a sua composição com um todo.

Diante dessa ideia, começamos a estudar o LD pela capa, onde observamos que dos três livros analisados apenas um, apresenta em sua capa imagens que lembram as populações nativas do início da colonização, com ocas e objetos artesanais. No entanto, é importante observarmos que mesmo a população indígena sendo conteúdo de estudo do livro, esta aparece de maneira estereotipada, visto que na atualidade muitas comunidades indígenas possuem outros meios de vida, assim como hábitos que, cada vez mais, se parecem com os

nossos. Nos demais livros, vemos que há muitas cores, imagens de crianças e ilustrações que lembram a infância, nesses, sentimos falta de elementos que façam referência, não apenas as questões étnico-raciais, como também a qualquer outro momento da história tratado nos livros, levando em consideração que os elementos contidos em sua capa podem aguçar a curiosidade do aluno quanto às temáticas que irão ser estudadas no decorrer do ano letivo.

Sobre os dados bibliográficos observamos que cada um tem sua particularidade. Thahira (2011) é uma obra organizada pela Editora Moderna, esta é sua 2ª edição, foi adotada pela escola em 2013 e possui em seu total 136 páginas, quanto à formação da autora, observa-se que esta tem formação em história, o que é interessante, pois pode abordar de maneira mais significativa os conteúdos referentes ao componente curricular. Passos e Silva (2009) é uma obra do IBEP, esta é a sua 1ª edição e possui 88 páginas, suas autoras não têm formação em História, pois são pedagogas, do mesmo modo que, Lucci e Branco (2014) o qual tem como editora responsável a Saraiva, contém 128 páginas e esta também é sua 1ª edição, seus autores tem formação em Geografia. Contudo, a questão referente à autoria do livro, deve levar em consideração que o autor, embora seja o responsável pela obra, não a faz sozinho, visto que há uma equipe que lhe dá apoio neste trabalho, assim como Bittencourt nos chama atenção lembrando que,

Uma rápida leitura da ficha técnica, por exemplo, apresentada na contracapa das obras didáticas produzidas a partir da década de 1990, comprova que o papel do autor de uma obra didática tem se modificado em decorrência das inovações tecnológicas impostas pela fabricação do livro. Copidesque, revisor de texto, pesquisador iconográfico, entre outros, constituem uma equipe cada vez mais numerosa de pessoas responsáveis pelo livro, e o autor do texto, embora permaneça encabeçando esse conjunto de profissionais, nem sempre é a figura principal (BITTENCOURT, 2004, p. 477).

Porém, mesmo entendendo a observação da autora, fica um questionamento: será que a formação dos autores responsáveis pela elaboração do LD influencia na qualidade e nos conteúdos que compõem os livros, mesmo estes sendo auxiliados por outros profissionais?

No sumário, vemos que os conteúdos dos LD são organizados em blocos, onde os conceitos são subdivididos de acordo com cada temática, nestes observamos que há conteúdos comuns entre si e que outros são distintos. Entre os conteúdos comuns aos três, temos: *As grandes navegações*, *Os povos indígenas*, *A chegada dos portugueses ao Brasil*, *O tráfico de negros africanos*, *A independência do Brasil e a busca por riquezas*. Dentre os conteúdos que não são comuns entre eles, destacam-se: *“O primeiro reinado”* e *“O vaqueiro e a pecuária”*,

todos falam sobre a Independência do Brasil, no entanto, apenas Lucci e Branco (2014), trazem informações sobre *os caminhos percorridos até que ela fosse firmada*.

Os textos de apresentação presentes no início dos livros não informam de maneira explícita quais os seus objetivos e a proposta pedagógica que desejam desenvolver, no entanto, é importante lembrar que essas informações devem sim ser expostas ao aluno, mas são imprescindíveis ao professor e que por este motivo, se observarmos o livro do mesmo, veremos que tais informações estarão contidas de maneira mais detalhada no manual do professor. Sobre como se dá sua organização, com exceção de Passos e Silva (2009), há um “mapa”, explicando através de ilustrações como e o que, aluno e professor vão encontrar durante seus estudos. Deve-se salientar ainda, que algumas dessas informações são voltadas para o professor, que deve está atento para fazer as “pontes” necessárias, auxiliando o aluno na compreensão dos conteúdos. Ambos fazem uso de uma linguagem clara e simples, própria para a faixa etária que terá acesso a esse material.

Quanto à iconografia, é interessante colocar aqui que,

Apenas no fim dos anos 1980 o livro didático deixou de ser considerado como um texto onde as ilustrações serviam como acessórios e enfeites, e começou a ser levada em conta a articulação semântica que une o texto e a imagem (FREITAS e RODRIGUES, 2007, p. 07).

As imagens dos LD analisados são bem interessantes, trazem fotografias, pinturas, também há cartografias e ilustrações, o que facilita a aprendizagem da criança que através da mediação do professor poderá relacionar o texto à imagem analisando-a e refletindo sobre a temática estudada, assim como Freitas e Rodrigues (2007) expõe na citação acima. No entanto, vemos que algumas dessas imagens são estereotipadas. Em sua maioria, no que se refere aos nativos, por exemplo, as mesmas não fazem referência à atualidade, mas, ao período da colonização, ou ainda aos dias de festa onde os indígenas se vestem de forma diferente, ou seja, as imagens deixam de fazer alusão às comunidades indígenas que já não vivem de tal maneira no seu dia-a-dia.

Com relação à questão étnico-racial Afro-brasileira, observamos que as imagens não condizem com o que os negros escravizados viveram nos três séculos de regime escravista, visto que nelas encontramos, por exemplo, pequenas quantidades de negros, quando sabemos que, segundo Aladrén (2010, p.73), “(...) aproximadamente 12,5 milhões de africanos foram embarcados e um pouco menos de 11 milhões chegaram nas Américas, sendo que 40% tiveram como destino o Brasil.”

Desse modo, identificamos ainda, imagens romantizadas que remetem a esse período da história como sendo algo natural. Outro fato que nos chama atenção em todos os livros, são as fotografias da época que nos mostram um pouco dos tipos de trabalho realizados pelos africanos escravizados, nelas é bem visível o olhar de tristeza e insatisfação, além de rostos cansados. Também não há como deixar de observar que em todas as fotografias os escravos aparecem limpos, com roupas claras e bem apresentados.

Nesse contexto, há uma contradição comum a todos os livros, visto que no início dos capítulos mostram os africanos viajando em navios com condições desumanas e que logo em seguida aparecem como se estivessem num lugar calmo e tranquilo. A seguir veremos duas imagens que os LD trazem, para que possamos entender melhor essas observações.

FIGURA 1: Escravos na colheita de café, 1882 e Ama de leite, 1860.



Fonte: PASSOS e SILVA, 2009, p. 50; 51

Para entender melhor como se dá a sequência didática e se a mesma atende as necessidades da abordagem dos conteúdos, nos deteremos ao capítulo que trata da escravidão, que em todos os livros, tem uma sequência didática composta por um texto principal, que traz uma explanação sobre o tema do capítulo, seguido de uma atividade de compreensão desse texto e um texto complementar, que sempre apresenta alguma curiosidade sobre a temática trabalhada, reforçando a ideia principal do capítulo, que também é acompanhada por algumas questões a serem respondidas pelo aluno. Na maioria das atividades, acreditamos que não há possibilidade da criança ter uma visão crítica sobre a temática, assim como relacioná-la com a sua realidade ou da sua comunidade, por exemplo, pois basicamente são atividades de interpretação de texto, onde a criança apenas copia a resposta que encontra pronta durante a leitura. Sobre esse tipo de questão, Solé (1998, p. 156) afirma que,

(...) os alunos ‘sabem’ que deverão responder a uma série mais ou menos arbitrária de perguntas e por isso podem dirigir sua atenção mais para o fato de encontrar estratégias que permitam respondê-las do que para compreender o texto e elaborar uma interpretação plausível do mesmo.

Ou seja, mesmo sem entender o que está descrito no texto, a criança pode responder as atividades que seguem sem nenhuma dificuldade. Nesse sentido, é importante lembrar que o professor precisa desafiar seus alunos a buscarem outras respostas e questionar tanto as respostas encontradas como também elaborar novos questionamentos, sempre mediando e dando condições para que reflitam sobre tais questionamentos e abordagens. O que muitas vezes esbarra nessa estratégia de ensino é a falta de preparo por parte do professor, pois o mesmo deve estar sempre em um processo contínuo de formação, buscando desenvolver novas atividades que lhe deem subsídio em sala de aula, essa prática poderá ajudar aos alunos “a relacionar de uma forma não arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende aprender” (SOLE, 1998, P. 44).

É importante que o aluno seja exposto a uma variedade de atividades que possam contribuir com o seu desenvolvimento, questões que envolvam pesquisa, entrevistas e leituras de imagens devem fazer parte da sua rotina de estudo, nesse sentido observamos um avanço no livro organizado por Lucci e Branco (2014), que mesmo em pouca quantidade expõe o aluno a momentos de reflexão, onde ele tem contato com outras fontes de conhecimento.

Quanto à referência bibliográfica, observa-se que cada livro tem uma referência particular. Thahira (2011) teve como referencial teórico 33 obras, que datam desde 1961 a 2009, Passos e Silva (2009), não traz uma lista com o referencial teórico utilizado e Lucci e Branco (2014), faz uso de referências que datam de 1968 a 2006. Diante dessas observações vemos que a bibliografia utilizada é bem variada e que as referências podem auxiliar o professor, a fim de que encontre nelas, novas fontes de pesquisa, sendo necessário que cada livro a tenha de forma detalhada.

Após essa primeira parte da análise, observamos que, com relação à questão étnico-racial Afro-brasileira cada livro traz em seu sumário uma organização diferente. Passos e Silva (2009) apresentam apenas dois tópicos que tratam dessa questão, “*A formação da sociedade brasileira*” e “*viver e morar no Brasil colonial*”, assim como Thahira (2011), que também traz duas temáticas “*Os povos que vieram da África*” e “*O início da colonização portuguesa na América*”, diferentemente de Lucci e Branco (2014), que concentra esse assunto em apenas um tópico, “*No tempo dos engenhos*”.

Vemos como é importante conhecer os LD que serão utilizados durante o ano letivo, agora, vamos nos deter a uma análise sobre como as questões étnico-raciais Afro-brasileiras estão presentes nesses livros, levando em consideração aspectos importantes dos conteúdos, como textos e imagens. Contudo, para que possamos entender o que foi a escravidão de negros africanos, ao longo de três séculos, antes de começar a temática sobre essa análise, veremos uma rápida explanação do que aconteceu neste período.

## **2.2 Um pouco de história...**

O período em que ocorreu a escravidão no Brasil pode ser visto como um dos piores momentos da história do nosso país. Os negros africanos trazidos até aqui pelos europeus sofriam maus tratos físicos e conseqüentemente psicológicos. O que traremos nesta temática são alguns pontos desse período, destacando os principais momentos desde o tráfico ocorrido no continente africano até o momento pós-abolição no Brasil.

O tráfico de negros teve início por volta do século XVI na África, efetivando-se como atividade lucrativa quando passaram a ser comercializados entre africanos e europeus. Segundo Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 39),

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanos foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica.

Estas pessoas que eram negociadas, muitas vezes já viviam em condição escrava na África, devido a derrotas em guerras civis, dívidas que não eram pagas, entre outros motivos, ou seja,

Não era só na guerra que se corria o risco de ser escravizado. Em muitas sociedades africanas, o cativo era a punição para quem fosse condenado por roubo, assassinato, feitiçaria e, às vezes, adultério. A penhora, o rapto individual, a troca e a compra eram outras maneiras de se tornar escravo. As pessoas podiam ser penhoradas como garantia para o pagamento de dívidas (ALBUQUERQUE e FRAGA FILHO, 2006, p. 15).

Em outras situações eram sequestradas de suas comunidades, sem oportunidade de despedir-se dos seus familiares e pegar seus pertences, ou seja, levavam consigo apenas

lembranças trazidas na memória, de suas raízes, seus amores, suas culturas e seus modos de vida do tempo em que eram livres. A partir de então, esses indivíduos eram traficados, vendidos e colocados em grandes navios, conhecidos como navios negreiros, onde viajavam amontoados em porões e em condições desumanas.

Nesses navios eram submetidos a castigos físicos, viajavam acorrentados, com pouca alimentação e higiene pessoal. Os negros africanos não tinham noção do lugar para onde estavam sendo levados, nem do que os esperava no local de destino, que por sinal não era muito diferente do que aquilo que haviam passado na viagem. Uma das muitas dificuldades encontradas por eles foi a de comunicar-se com os demais, pois, vinham de várias regiões da África e, portanto, falavam diferentes dialetos.

Ao desembarcarem dos navios, eram levados às grandes fazendas de café. Estas eram organizadas de tal modo, que os escravos ficavam em senzalas, grandes galpões sem estrutura física digna e que se localizava longe das demais casas da fazenda. Eram expostos a árduos dias de trabalho excessivo, em lavouras e minas de ouro, outra parte, normalmente as mulheres, eram levadas para trabalhar na casa grande como domésticas, em seu cotidiano, os castigos físicos eram constantes e intensos e muitos não resistiam chegando a falecer. Ou seja, quanto mais a colônia crescia, mais se precisava de escravos para trabalhar, dessa forma,

Durante o século XVIII, uma quantidade ainda maior de africanos foi importada e a mão de obra escrava passou a ser utilizada em uma ampla gama de atividades, que incluía os antigos engenhos de açúcar, as minas de ouro e diamante, a pecuária e a produção de alimentos (ALADRÉN, 2010, p. 12).

Os africanos não tinham direitos políticos, sociais e humanos, eram vistos como seres sem alma pela igreja católica. No decorrer dos anos, cansados de tanto sofrimento e sem nenhuma perspectiva de mudança de vida, muitos começavam a lutar de diversas maneiras pela liberdade. Essa luta se dava, principalmente através de fugas, assassinatos de senhores de engenho e de capitães do mato, assim como Albuquerque e Fraga Filho (2006, P. 117) comenta,“(…) No Brasil, tal resistência assumiu diversas formas. A desobediência sistemática, a lentidão na execução das tarefas, a sabotagem da produção e as fugas individuais ou coletivas foram algumas delas. Fugir sempre fazia parte dos planos dos escravos”.

O movimento abolicionista de resistência à escravidão “(…) consolidou-se, predominantemente, nas cidades, a partir da década de 1880(…)” (BRASIL e MENDONÇA, 2010, p. 134), com a participação dos próprios escravos que lutavam em prol da abolição, ou seja,

(...) Ao longo da década de 1880, em consonância com os abolicionismos urbanos, os escravos enfraqueciam a autoridade senhorial por meio de revoltas, fugas coletivas para os quilombos abolicionistas, denúncias de maus tratos e manifestações públicas em prol do fim da escravidão. A abolição tornava-se uma bandeira popular (BRASIL E MENDONÇA, 2010, p. 136).

O movimento abolicionista de resistência, individual e coletivo, juntamente com importantes questões políticas nacionais e internacionais da época, pressionou a corte brasileira de tal modo, que em 1888, a princesa regente, Isabel Cristina Leopoldina de Bragança, assinou a Lei Áurea que libertava os negros da escravidão no Brasil. “(...) a lei é curta e sucinta: ‘É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil. Revogam-se as disposições em contrário’. A partir desta data, todos os brasileiros passaram a ser formalmente cidadãos iguais perante a lei (BRASIL e MENDONÇA, 2010, p. 137)”.

Após esse fato, os negros livres não tinham para onde ir, pois, sem poder voltar para seu país de origem, muitos continuaram trabalhando nas fazendas, enquanto que outros foram morar em barracos de madeira à margem da cidade, formando o que conhecemos nos dias de hoje como favelas, sem nenhuma política pública que os assistisse, para que pudessem conquistar um lugar de direito na sociedade.

Passados 128 anos da abolição da escravatura no Brasil, a questão que nos inquieta, é entender como essa história está sendo transmitida para as crianças, como os LD estão abordando tais questões? Será que estamos formando cidadãos críticos alforriados de preconceitos? Diante de tais questionamentos, surge a necessidade de analisar os LD acerca das questões étnico-raciais afro-brasileiras.

### ***3. Questão étnico-racial Afro-brasileira nos Livros Didáticos***

A questão étnico-racial Afro-brasileira, nos Livros Didáticos, é regulamentada pela Lei 10.639/2003 que alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), inclui o ensino da temática sobre História e Cultura Afro-brasileira no currículo escolar. De acordo com o que foi decretado pelo presidente em exercício, a Lei 10.639, “Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências (BRASIL, 2003)”.

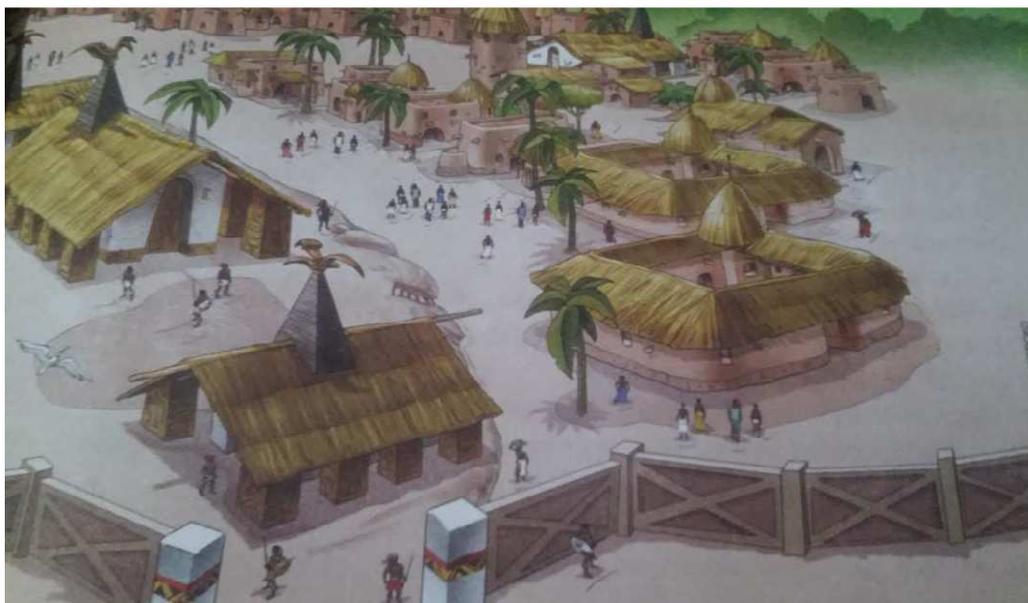
Essa lei torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, tanto na Educação Básica como no Ensino médio, assim como modifica também os conteúdos programáticos estabelecidos para estes níveis de ensino,

§1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003).

No entanto, há ainda muito a se fazer para que esta regulamentação seja posta em prática nas salas de aula e na escola como um todo. Esta Lei é apenas um passo para que aconteça uma verdadeira inclusão social que envolva todas as etnias com igualdade.

Para entendermos com mais propriedade como essas questões estão sendo expostas nos LD, tomaremos como referência os capítulos que abordam tais questões. Diante da realidade descrita, dentre os Livros Didáticos analisados, apenas Thahira (2011), faz referência ao continente Africano, a unidade começa com uma aquarela do artista nigeriano Perrin Oglafa (2006), nela há uma representação de uma comunidade africana da antiguidade, com casas de palha e pessoas aparentemente trabalhando em seus afazeres diários. Basicamente, com relação à África, o livro dá ênfase aos diferentes povos antigos que habitaram aquele continente, mostrando em um texto curto, como eram organizadas as primeiras sociedades e como viviam antes de terem contato com os europeus. Para subsidiar esta temática, há mais uma ilustração, sendo essa de autoria desconhecida que retrata o que possivelmente seria uma comunidade africana no passado.

FIGURA 2: Representação de uma comunidade Yorubá no passado.



Fonte: (THAHIRA, 2011, p. 39)

É importante que o aluno tenha conhecimentos acerca do Continente africano para que possa compreender o que foi e porque aconteceu o tráfico do atlântico, assim como Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 13) explica,

Conhecer a história da África é fundamental para entender como foi possível que milhões de homens, mulheres e crianças fossem aprisionados e trazidos nos porões de navios destinados às Américas. Por isso, para compreendermos a trajetória dos negros brasileiros é preciso saber como e por que o continente africano se tornou o maior centro de dispersão populacional do mundo moderno.

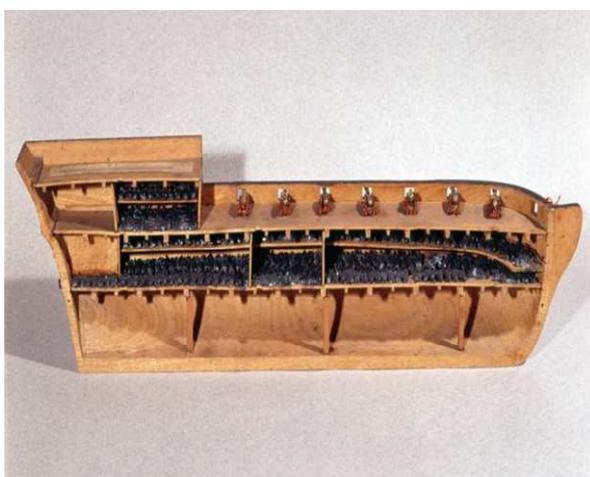
A arte e a cultura também são contempladas, mostrando um pouco dos utensílios, histórias e lendas da época. Diante de tais observações vemos que a imagem do continente africano, no passado, apresentado por Thahira, (2011) é de organização e riqueza cultural, no entanto, sentimos falta de uma apresentação da África na atualidade, enfatizando sua dimensão territorial, assim como sua riqueza cultural, histórica e social que ainda nos dias de hoje é muito forte. Desse modo, os autores também poderiam acrescentar imagens que comparassem os dois momentos da história do continente, mostrando sua evolução no que diz respeito à sociedade, por exemplo.

Sobre as populações negras antes da chegada dos europeus, os livros trazem visões diferentes. Thahira (2011) mostra que além de serem indivíduos organizados em sociedades com culturas, costumes e crenças particulares, também eram muito inteligentes, assim como,

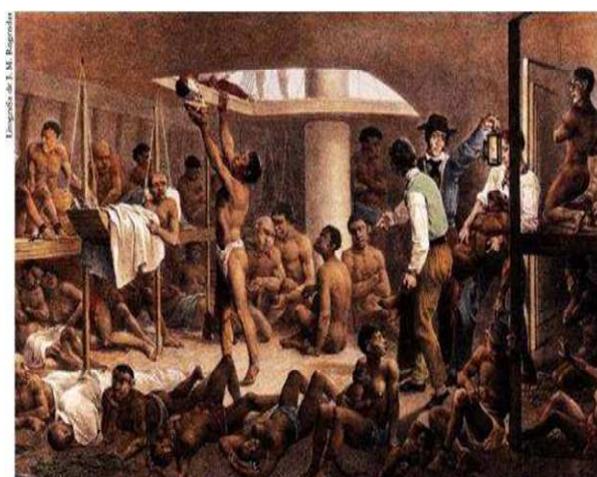
também mostra que naquela época já existiam pessoas submetidas à escravidão por diversos motivos, como guerras, dívidas ou crimes cometidos.

Passos e Silva (2009) e Lucci e Branco (2014), no entanto, só apresentam os negros, como escravos aqui no Brasil, não se referem ao continente africano, limitando-se a uma visão onde os negros são maltratados e expostos a trabalhos árduos e lugares sujos como os porões dos navios e as senzalas, assim como mostram as imagens a seguir que foram extraídas dos livros em questão.

FIGURA 3: Corte de maquete mostrando interior de navio negreiro e Escravos no porão do navio.



Fonte: (THAHYRA, 2011, p. 42)



fonte: (PASSOS e SILVA, 2009, p. 49)

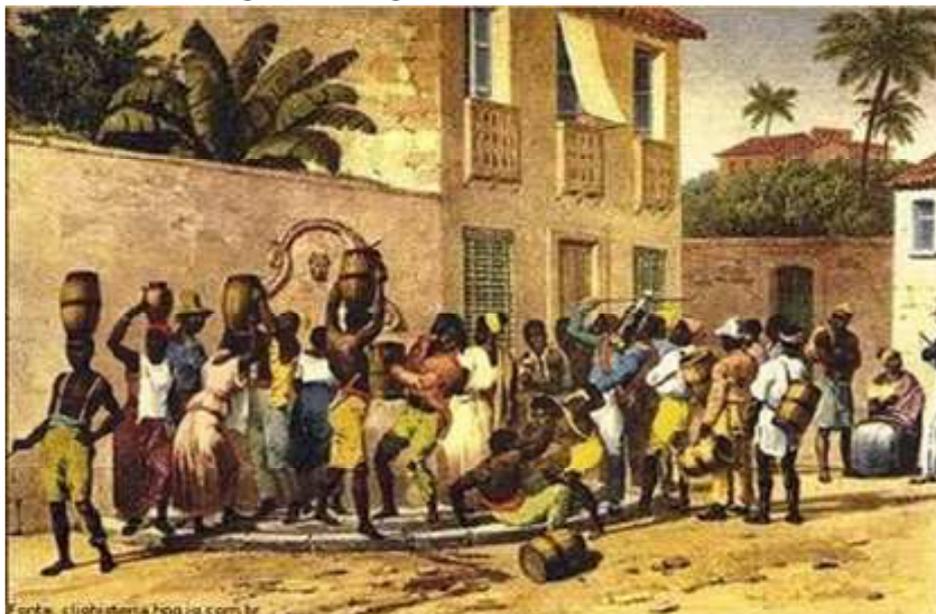
O tráfico de seres humanos é abordado em ambos os livros de maneira parecida, pois dão ênfase no quanto os escravos eram valiosos financeiramente e tratam do assunto com naturalidade, não havendo críticas ou reflexões, sendo imparciais quanto ao tema. Passos e Silva (2009, p.49), afirmam que “os conhecimentos anteriores dos escravos foram aproveitados no Brasil, nos séculos XVI e XVII”, dando a entender, que os escravos podiam escolher qual atividade exercer, no entanto, é sabido que eles não tinham essa liberdade de escolha, eram forçados a trabalhar, sem que lhes fossem perguntado qual era a sua especialidade, até porque, falavam dialetos variados, dificultando a comunicação.

Em todos os livros os negros só estão presentes até o período colonial do Brasil, após essa época eles desaparecem, como se não mais fizessem parte da história do país. Durante o período colonial, é possível ver como o cotidiano dos negros escravizados era muito difícil. Passos e Silva, (2009, p. 62), afirmam que, “A secreta era o banheiro, uma construção separada, com um buraco no chão, que existia em algumas casas. O mais comum, no entanto,

eram os urinóis ou penicos, espalhados pelos quartos e recolhidos pelos escravos todas as manhãs”.

Os autores ainda mostram que não havia água encanada e que sendo assim os escravos também eram responsáveis por abastecer as casas dos seus senhores com água dos chafarizes localizados nas praças. Assim como mostra a imagem abaixo.

FIGURA 4: Carregadores de água no Rio de Janeiro, Johann Moritz, 1835



Fonte: (PASSOS e SILVA, 2009, p. 62).

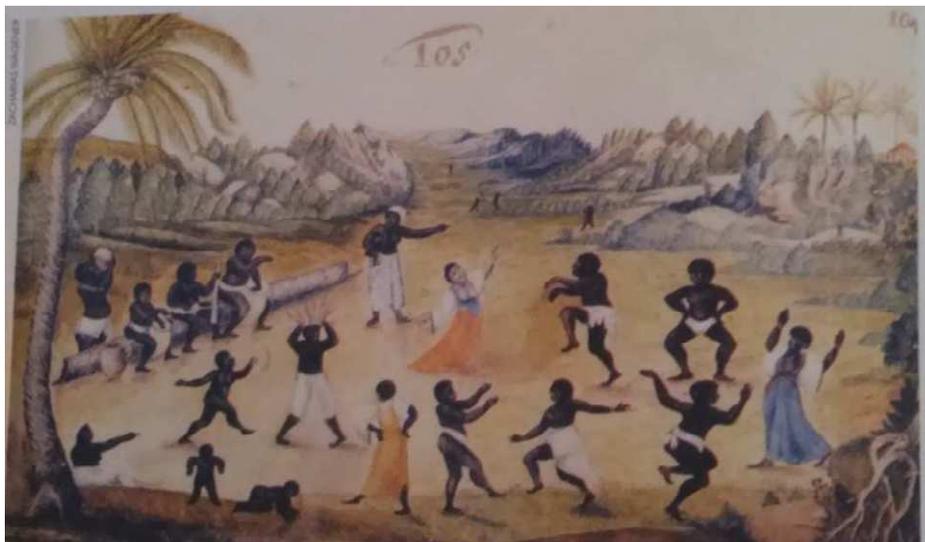
Levar essas informações para a sala de aula é muito importante, pois as discussões geradas podem ajudar os alunos a reconhecerem como os negros escravizados foram importantes para o crescimento do nosso país. Contudo, também é importante ressaltar para esses alunos que, assim como afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana,

Reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos, bem como valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras (BRASIL, 2004, p. 499).

Ainda sobre o cotidiano dos escravizados, Lucci e Branco (2014, p. 46) dá destaque aos raros dias de folga, mostrando que a união das diferenças culturais dos africanos escravizados formou a cultura brasileira. Na imagem trazida, há uma cerimônia divina com dança, que normalmente aconteciam aos domingos, pois para a igreja católica este dia era

considerado santo e eles não poderiam trabalhar para os senhores. Abaixo, vemos na imagem, uma cerimônia divina, onde há danças e instrumentos musicais, é interessante destacar que esse tipo de atividade recreativa e religiosa também era fonte de resistência para o negro.

FIGURA 5: Cerimônia divina e dança, 1630.



Fonte: (LUCCI e BRANCO, 2014, p. 46).

Os textos complementares trazem em seu conteúdo destaques sobre a cultura negra, apresentando informações sobre os significados das máscaras que eram confeccionadas e usadas pelos africanos em seus rituais, os Baobás, árvores típicas do continente africano, as festas e as músicas que ainda nos dias de hoje tem influência na cultura brasileira, também aparecem como destaque. Thahira (2009) faz uma intertextualidade com o gênero receita, ensinando a fazer um bolo doce de inhame, traz ainda em um segundo momento, uma explanação de como era a vida das mulheres na colônia, abrangendo as brancas e ricas, as livres e pobres e as negras escravizadas, essa comparação ajuda na compreensão de como era organizada a sociedade da época, levando o aluno a pensar sobre a temática, podendo inclusive associar as informações trazidas no texto com a realidade de muitas famílias negras da nossa sociedade na atualidade.

A capoeira também é lembrada, destacando com fotos de seu gingado e instrumentos, que ela conquistou o mundo. Esses textos complementares, com tantas informações e curiosidades, são significativos para a aprendizagem, pois, através deles o aluno pode produzir novos saberes, sendo assim, é importante que o professor não deixe de trabalhá-los levando em consideração as orientações contidas no manual do professor.

O negro africano foi peça fundamental na formação da sociedade brasileira e na construção do nosso país, no entanto, nos LD analisados, ainda durante o período colonial ele praticamente desaparece, sendo citado apenas em alguns momentos sem que se dê a devida atenção a sua importância neste período. Observamos ainda que os textos trazem as mesmas informações, mas com uma abordagem diferente, assim como às imagens que muitas encontramos nos três livros, embora algumas sejam bem mais explicadas, com detalhes que ajudam na sua compreensão.

Dessa forma, observamos que há equívocos na abordagem dos conteúdos nos três livros, a começar pela falta de referência ao Continente Africano, à abolição da escravidão do Brasil em 1888 e aos Quilombos que não são lembrados nem por Thahira (2011) nem por Passos e Silva (2009), quanto a essa questão, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana, (2004, p. 506), afirmam que “O ensino de história Afro-brasileira abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história dos quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos.”

O que aconteceu com os negros após esse momento da história também não é abordado com clareza, deixando uma lacuna no conteúdo e dando a entender que a escravidão de negros africanos não deixou de existir e que não houve resistência por parte dos africanos escravizados, ou ainda que após a abolição os africanos voltaram a sua terra natal.

Quando paramos para refletir se os LD atendem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), vemos que isso acontece em parte, pois mesmo tendo visto muitos avanços com relação aos conteúdos, os livros não tratam a temática por completo, havendo sempre uma lacuna entre os assuntos que deveriam ser abordados, talvez isso aconteça por não haver participação de nenhum integrante dos grupos sociais participantes da história, na elaboração do livro como propõe o PCN, que traz orientações sobre o ensino do tema transversal de Pluralidade Cultural, quando diz que,

(...) Embora as trajetórias das Culturas e etnias do Brasil já façam parte dos conteúdos trabalhados pela escola, com referência aos índios, os negros, os imigrantes, o que se propõe são novos conteúdos, que buscam narrar à história do ponto de vista dos grupos sociais que a produziram (BRASIL, 1997, p. 71).

Desse modo, entendemos que seria de grande valia que representantes desses grupos sociais, pudessem participar da elaboração dos LD, contribuindo com suas experiências e narrando a história de acordo com seus pontos de vista.

Durante a análise dos Livros didáticos, podemos pensar no mesmo como um mediador da aprendizagem, sendo um dos muitos instrumentos que podem auxiliar o professor em sala de aula, no entanto, é importante que o educador, busque conhecê-lo detalhadamente, para que dessa forma possa fazer uso de todos os seus recursos de maneira significativa. Observamos também que as questões étnico-raciais Afro-brasileiras são narradas com imparcialidade, abordando os principais fatos da época e trazendo algumas curiosidades sobre o assunto através de seus textos complementares, no entanto, vemos que também há alguns equívocos no que diz respeito à maneira como os conteúdos são abordados.

## CONCLUSÃO

Através da realização desse estudo, foi possível problematizar como o tráfico de negros africanos, o trabalho escravo, a abolição e o pós-abolição são apresentados nos Livros Didáticos analisados, observando aspectos relevantes quanto ao conteúdo, imagens, textos e atividades que tratavam da temática em questão. Tais observações nos ajudaram a entender que mesmo em meio às novas Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's), o Livro Didático continua sendo a única fonte de pesquisa e estudo de professores da Educação Básica, levando o aluno a perceber o livro como veículo da verdade. Nesse sentido, sentimos a necessidade do professor ir além deste recurso, buscando estratégias que o auxiliem no processo de ensino e aprendizagem, fazendo com que o aluno possa começar a refletir de maneira crítica sobre aquilo que lhe está sendo colocado a disposição.

Três livros de História do 4º ano do Ensino fundamental foram analisados. Concluimos que em todos há equívocos quando se trata das questões étnico-raciais Afro-brasileira. Ou seja, os conteúdos trazem textos resumidos e atividades de interpretação de texto que não proporcionam nenhum tipo de reflexão ou possibilidade de pesquisa sobre a temática. Analisando as imagens, chegamos à conclusão que em sua maioria são romantizadas, conduzindo o leitor a entender que os negros escravizados aceitavam as condições em que eram submetidos, sem lutas e resistências. E este é outro ponto que nos chamou atenção, pois não encontramos nenhuma imagem ou texto que fizesse referência ao movimento abolicionista de resistência, a abolição e ao pós-abolição, levando a entender que os negros não lutaram pela sua liberdade e que depois da abolição eles voltaram para a sua terra natal. O que não aconteceu!

No decorrer do nosso estudo vemos que as leis que regem a Educação no nosso país são claras no que diz respeito às questões étnico-raciais Afro-brasileiras, no entanto também é visível que nos livros analisados estas não são cumpridas, visto que há lacunas quando se refere aos Quilombos, por exemplo. Acreditamos que isso deve acontecer por não haver na elaboração dos livros, a participação de membros do movimento negro que poderiam escrever a história através de seus pontos de vista, assim como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Com esse estudo, concluimos que os alunos precisam ser desafiados e convidados, desde as séries iniciais, a refletir sobre tais questões. Desse modo, acreditamos que o trabalho aqui desenvolvido foi e será de grande relevância tanto para a vida pessoal como para a profissional da autora, visto que, através das observações aqui colocadas pode rever seus

pontos de vista, adquirindo novos conhecimentos e refletindo sobre como podemos tornar nossas aulas mais significativas para os alunos, auxiliando no crescimento de cidadãos críticos e reflexivos.

## REFERÊNCIAS

ALADRÉN, Gabriel. Tráfico de escravos e escravidão na América Portuguesa. In: OLIVEIRA, Iolanda. **Cadernos Penesb**. Ed. 12. Rio de Janeiro. Alternativa, 2010.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do Negro no Brasil**. Salvador. Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 11. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)**. In: Revista Educação e Pesquisa, vol.30, n.3, São Paulo, p. 475-491, Set./Dez. 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas**. Brasília, MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Guia de livros didáticos PNLD 2008**, Brasília, MEC, 2007.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 10.639/03 In: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). acesso em: 15 de maio. 2016.

BRASIL, Eric; MENDONÇA, Camila. Abolição e Abolicionismo. In: OLIVEIRA, Iolanda. **Cadernos Penesb**. Ed. 12. Rio de Janeiro. Alternativa, 2010.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais; pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/ SEF, 1997. 164.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. [online] Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Tradução de Maria Adriana C. Cappello. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso em: 22 de maio. 2016.

FREITAS, Neli Klix; RODRIGUES, Melissa Haag. **O Livro Didático ao longo do tempo: A forma do conteúdo**. 2007. Disponível em:

[http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf)

Acesso em: 03 de maio de 2016.

LUCCI, Elian Alabi. BRANCO, Anselmo Lazaro. **Projeto Coopera, 4º ano: ensino fundamental: anos iniciais**. São Paulo. SARAIVA, 2014.

PASSOS, Célia Maria Costa; SILVA, Zeneide Albuquerque Inocência. **Coleção Eu Gosto 4º ano**. São Paulo: IBEP, 2009.

SIGANSKI, Bruna Prevedello; FRISON, Marli Dallagnol; BOFF, Eva Teresinha de Oliveira. **O Livro Didático e o Ensino de Ciências**. UFPR, Curitiba. 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. Ed. Porto Alegre. Artmed, 1998.

THAHIRA, Rosane Cristina. **Projeto Buriti: história 4º ano**. 2ª. Ed. – São Paulo: Moderna, 2011.